

FORMAÇÃO E VIDA: COMO ENFRENTAR O CANTO DAS SEREIAS?

Carolina Votto (CEMLM)

RESUMO: O ensaio intitulado Formação e Vida: como enfrentar o canto das sereias? Tem como escopo refletir sobre o processo formativo moderno, e sua relação com os conceitos abordados pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche na Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida de 1874. Análise está presente em sua segunda consideração intempestiva, bem como, a relação com o conceito de transfiguração e a possibilidade de uma educação que se volte para o horizonte da vida a partir de uma perspectiva ético-estética, levando em consideração um pensamento artista em detrimento de uma formação científicista.

PALAVRAS-CHAVES: FORMAÇÃO; VIDA; ARTE; ÉTICO-ESTÉTICO; TRANSGIFURAÇÃO.

ABSTRACT: The essay entitled "Formation and Life: how to face the siren's song?" aims to reflect about modern's formation process and its relation with the philosophical concepts approached by german philosopher Friedrich Nietzsche on the Untimely Meditation about the utility and the inconvenients of History to life of 1874. The refered analysis present on his second untimely meditation, as well as the relation with the concept of transfiguration and the possibility of a education that turns to life's horizon through an ethic and aesthetic perspective, taking into consideration an artistical thinking in detriment of a scientific formation.

KEY WORDS: FORMATION; LIFE; ART; ETHIC AND AESTHETIC; TRANSGIFURATION.

Canto das sereias

"Tampei os ouvidos de cada um dos companheiros.
Na Nau, prenderam-me mãos e pés, por igual,
Reto no mastro, e nele amarraram os cabos;
Sentados, golpeavam o mar cinzento com remos.
Mas quando estávamos à distância de um grito,
Rápido viajando, elas não ignoraram a nau saltadora
Surgir próxima, e deram vazão a canto agudo:
'Vem cá, Odisseu muita história, grande glória dos
aqueus, Ancora tua nau para ouvires nossa voz.
Nunca ninguém passou por aqui, em negra nau, sem
antes ouvir a melíflua voz que vem de nossa boca;
Mas ele se deleita e parte com mais saber.
De fato, sabemos tudo que, na extensa Tróia,
Agentaram arquivos e troianos por obra dos deuses.
Sabemos tudo que ocorre sobre a terra nutre-muitos'
Assim falaram, lançando belíssima voz"²⁹

O poema épico Odisseia narra a tentativa de um retorno para a casa, Homero como poeta aedo, o que na Grécia

²⁹ HOMERO. Odisseia. In: Canto 12. - São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 355.



arcaica possuía um significado profundo de alguém em contato direto com as musas e divindades, possuía o poder divino de narrar histórias orais a aristocracia da época. No canto 12 de sua epopeia, Odisseu personagem central da aventura heróica de retorno à ilha jônica Ítaca - pede aos seus fiéis companheiros de jornada para ser amarrado ao mastro de seu barco; que tapem os seus ouvidos com cera e que a ele deixem os ouvidos desnudados. Ele precisa ver e escutar o canto que ecoa das "sirenas"³⁰, seguindo assim, as instruções incumbidas pela deusa Circe. É preciso estar amarrado para não deixar encantar-se pelo canto sedutor da morte, aquele que narra seus feitos mais heróicos, embalsamado de proezas infindáveis, - a voz do passado - é uma linguagem capaz de matar e geralmente clama por permanência.

Mas, como não se deixar seduzir pela voz que narra muitas histórias de feitos gloriosos e que a tudo diz saber? Como pensar o processo de formação humana e sua respectiva relação com a vida sem a voz intermitente da história e da tradição? Primeiramente é preciso refletir o que se compreende por formação humana ou formação de uma cultura, por conseguinte, a vida - que também foi e é passível de conceptualizações. Nesse caminho escolhemos Nietzsche para ajudar a enfrentar a floresta escura. Dante Alighieri escolhe Virgílio para adentrar a floresta da Divina Comédia e já no primeiro canto do Inferno diz: "No meio do caminho desta vida, me vi perdido numa selva escura, solitário, sem sol e sem saída"³¹.

Seria o conhecimento histórico e a tradição ocidental uma forma de pensarmos não estarmos sozinhos e perdidos no meio do caminho da vida? Já, na introdução da Consideração

³⁰ Sereias.

³¹ CAMPOS, Augusto. Invenção de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti. In: Cantos de Dante & canções de Cavalcanti. - São Paulo: Arx, 2003. p. 193.



Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida de 1874, Nietzsche destaca “detestar profundamente a instrução que não estimula a vida, o saber que paralisa a atividade, os conhecimentos históricos que são somente um luxo dispendioso e supérfluo”³². O filósofo alemão se vale da expressão goethiana escrita em carta ao filósofo romântico Schiller no final do século XVIII, em que o poeta de Fausto diz odiar tudo que somente o instrui sem estimular diretamente suas ações.

Aprender a força plástica

É preciso destacar que as críticas asseveradas pelo filósofo de Zarathustra possuem um contexto de abordagem, e neste caso é o século XIX e as matrizes conceituais que o constituem, ou seja, o racionalismo socrático-platônico, cartesiano, kantiano, bem como, a narrativa histórica empreendida pela civilização cristã. A observação nietzschiana recai sobre o excesso de história e o processo de repetição de uma instrução que segundo este não favorece a vida. Pois, invalida o instante, o aparecimento dos infortúnios ou das estranhezas como foco de nossas aprendizagens. É possível vislumbrar que o processo formativo moderno - do qual somos herdeiros - ainda opera a partir dessa chave. Sendo permitido questionarmos: Como abordar o instante em uma aula? Como falar de algo quando este está acontecendo? Como aprender o esquecimento? Como formar uma cultura para o esquecimento?

Segundo a concepção nietzschiana somente formando sujeitos para o esquecimento é que formamos artistas, cientistas, revolucionários, políticos. Para isso, o filósofo elenca os três métodos tradicionais de se fazer história, a saber: monumental, tradicional e crítica. E a

³² NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre história. - São Paulo: Folha de São Paulo, 2015, p. 47.



necessidade de se produzir atos a-históricos, expondo o limite em que o passado deve ser esquecido para que assim não se torne o "coveiro do presente":

Saber exatamente qual é a força plástica (Plastische Kraft) do indivíduo, do povo ou da cultura em questão, quer dizer, esta força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas.³³

A força plástica (plastische kraft) de um indivíduo, de uma cultura ou de um povo são testadas a partir de sua relação com as três formas de se fazer história, isto é, a Monumental caracterizada pelo apego aos "grandes nomes" e seus exemplos para a manutenção de uma determinada cultura; A Tradicional que cultiva a rotina do hábito e o respeito pelas coisas antigas e a Crítica evidenciada pelo sujeito que se sente oprimido pelo presente e dessa forma julga e condena os acontecimentos históricos. Essas três formas de se instruir a história constituem para Nietzsche a "transposição imprudente de muitas desgraças", pois, constitui o estímulo ao espírito que crítica sem necessidade, aquele que conserva sem piedade; e aquele que conhece a grandeza sem conseguir realizar grandes coisas.

No decorrer da consideração intempestiva o filósofo acentua o efeito da história monumental, por exemplo, para a formação do artista levando em consideração o aprendizado dos "grandes cânones" da tradição estética. Mestres estes instituídos pela tradição demonstrando que somente o passado tem vigor diante do presente. Evidenciando assim, a fragilidade em reconhecer o que está sendo produzido em seu tempo, isto é, que obras de arte fora do domínio dos mestres não pudesse ter forças para atravessar as temporalidades. Importante destacar que mais do que romper

³³ Idem, p. 51.



com a história monumental, Nietzsche diagnostica um mau uso desta para a vida, sua crítica aproxima-se bem mais da forma em que está é instruída. Sua preocupação se torna evidente quando esclarece que o mau uso da monumentalidade recai exatamente em considerarmos, que os exemplos do passado, são os únicos passíveis de serem seguidos:

Imaginemos as personalidades totalmente ou parcialmente infensas à arte, armadas e paramentadas pela história monumental dos grandes criadores: contra quem voltariam elas suas armas? Contra os seus inimigos hereditários, contra as fortes naturezas artísticas, quer dizer, contra os únicos que sabem tirar desta história um verdadeiro ensinamento, um ensinamento orientado para a vida. Para em seguida transformá-lo numa prática superior. O caminho é barrado, o horizonte é ocultado, quando se cerca com uma dança idólatra e servil a monumentalidade mal compreendida de algum acontecimento do passado.³⁴

O diagnóstico de um mau uso da história para a vida, vai além de uma interpretação superficial de ruptura com a tradição, mais do que romper, parece necessário se apropriar dos acontecimentos histórico-discursivos da tradição e construir uma cultura capaz de esquecê-los também. Mas, como conciliar o calendário dos fatos com o calendário dos afetos³⁵? Uma das estratégias nietzschianas seria o elemento a-histórico, o momento de transfiguração (ético-estético) e também de resignificação da cultura grega. O que Nietzsche parece propor ao problematizar os antagonismos que cingem a formação do pensamento ocidental é um posicionamento de que: a vida grega encarna o ideal de

³⁴ Ibidem, p. 61.

³⁵ Beckett em sua obra Proust: quando o calendário dos fatos corre paralelo ao calendário dos sentimentos, a realização tenha-se dado, que o objeto do desejo (no sentido estrito dessa doença) tenha sido conquistado pelo sujeito, neste caso a congruência é tão perfeita, o estado-de-tempo da realização elimina tão precisamente o estado-de-tempo da aspiração que o real parece o inevitável e (todo esforço intelectual consciente de reconstituir o invisível e o impensável como uma realidade sendo vão) tornamo-nos incapazes de apreciarmos o contentamento, comparando-o com nosso pesar. Cf: BECKETT, Samuel. PROUST. - São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 2003.



uma cultura que não é um adorno da vida, mas a vida mesmo. Como fazer do processo de transição natureza e cultura, uma *hybris* transfigurada?

Uma *physis* nova e melhorada, sem distinção entre o interior e o exterior, sem dissimulação, nem artifício, a cultura concebida como esclarecimento mútuo da vida, do pensamento, da aparência e do querer³⁶.

Nos auspícios da modernidade retumbava o prólogo do Nascimento da Tragédia, momento este em que o filósofo alemão atirava duras críticas ao conceito de (*bildung*) formação cultural germânica ao asseverar em sua tentativa de autocrítica: *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte com a da vida*³⁷. A partir dessa relação entre ciência, arte e vida, se faz pertinente questionar: É possível um educar para a vida? Como tornar-se o que se é, quando já estamos sendo? Que tipo ou tipos de formação nos permitem inventar eticamente no intempestivo?

Aprender a ver, a pensar, a falar e a escrever, essas são as premissas nietzschianas abordadas no Crepúsculo dos Ídolos para se pensar o sujeito extemporâneo. Como incursionar extemporaneamente no ato educativo? Ao tentar responder a todas essas aprendizagens (ver, pensar, falar e escrever) o filósofo da Sils-Maria aponta para a tarefa de que se necessita de educadores.

Para não me apartar do meu modo de ser, que é afirmativo e apenas e indireta e involuntariamente tem a ver com a contradição e a crítica, apresento a seguir três tarefas para as quais se precisam de educadores. É preciso aprender a ver, é preciso aprender a pensar, é preciso aprender a falar e escrever, a meta nas três tarefas é uma cultura nobre. - Aprender a ver - acostumar o olho à calma, à paciência, a permitir que as coisas se nos aproximem; aprender a protelar o juízo, a

³⁶Haar, Michel. Vida e totalidade natural. In: cadernos Nietzsche 5, p. 13-37. - São Paulo: GEN, 1998. p. 33.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia.- São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 14.



circunscrever e conceber em casos particulares por todos os lados.³⁸

Espiritualizar as paixões, dar tempo ao pensamento antes de inferir um juízo inflamado acerca do que nos afeta - afinal - *pés de pombo governam o mundo*. Assim prossegue Nietzsche ao tentar esboçar o exercício de aprender a dançar com o pensamento. É preciso exercitar o *ofício das aprendizagens* para se chegar a dançar com os conceitos. No entanto, qual seria o caminho para um ofício das aprendizagens que levasse à arte de viver? Foucault nas *Técnicas de si* chama atenção para o equívoco histórico interpretativo acerca do *cuidar-se de si* e a famosa frase do oráculo delfico *conhece-te a ti mesmo*, e da importância dessas técnicas andarem conjuntamente, a primeira enquanto uma preparação para a segunda.

O filósofo francês destaca a técnica utilizada pelos estoicos em seu *askêsis*. Sendo este o gesto que implica no processo de consideração de si - a busca por uma *maestria* obtida não pela renúncia à realidade, mas pela assimilação da verdade. *O objetivo final da askêsis não é preparar o indivíduo para outra realidade, mas de lhe permitir acessar a realidade desse mundo. Em grego a palavra que descreve essa atitude é paraskeuazô (preparar-se)*³⁹.

Pensar o processo de formação como a ponte que conduz o ser humano a preparar-se para a vida e também ter a possibilidade de transfigurar uma cultura, permite que se pense como este ofício das aprendizagens está sendo conduzido. Qual o tipo de formação ou preparação para a vida que se está exercendo? Uma cultura que visa aos saberes técnicos, superpotencializando a ciência ou uma voltada para a arte do viver e sua construção ético-

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*.- Petrópolis: Vozes, 2014. p. 60-61.

³⁹ FOUCAULT, Michel. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves. P. 13.



estética? Tanto Foucault como Nietzsche foram críticos assaz do processo cultural moderno posto que compreendiam a necessidade de se pensar a formação da mesma, diagnosticar a sua decadência e ir ao encontro das formas que possibilitam a existência enquanto obra de arte. Quando o *conhece-te a ti mesmo* torna-se mais relevante e atropela o *cuida-te de ti mesmo*, assim como a busca de sentido da vida se torna mais relevante do que o encontro com os diferentes sentidos da vida se inicia um processo de afastamento da mesma como elo vital de invenção humana.

Compreender o processo educativo como uma das estratégias mantenedoras do ideal socrático-platônico, isto é, a busca de um sujeito voltado à conquista da verdade, que coloca à vida e os acontecimentos que dela brotam em segundo plano. Pois, a dicotomia construída historicamente em torno de dois mundos: inteligível e sensível, perpetuada primeiramente por Platão, a partir do método dialético e da construção de uma cidade ideal - neste contexto - a cidade se aproxima da formação dos sujeitos que a habitam na constituição refinada de uma ascese. Não permitindo assim a contradição, nem os impulsos e erros advindos do que, por ventura, venha a acontecer.

A crítica nietzschiana ao modelo formativo socrático-platônico e mais adiante ao cristianismo enquanto desdobramento de um ideal de verdade, razão e conseqüentemente negação do corpo, propõe que a partir do diagnóstico do que Nietzsche considera como um enfraquecimento das forças vitais, a necessidade do ser humano superar a si mesmo. Essa superação somente é possível mediante forças que religuem a vida. Não obstante, que a teoria nietzschiana retorna a tragédia ática e a desloca para a cultura moderna. Antes de Sócrates e Eurípides, a racionalidade não era considerada como elemento ativo de invenção da existência e sim à arte. O



retorno conceitual a cultura grega, mais especificamente os pré-socráticos e a interpretação heraclitiana do devir: como fluxo intensivo de transformação dos acontecimentos da vida. Acentuando que o mundo está em constante transformação e que a estratégia para lidar com as mudanças é a invenção.

Ofício das aprendizagens

Refletir o *ofício das aprendizagens* de ver, pensar, falar e escrever enquanto gestos que direcionam a imanência da vida ou do valor da existência pressupõem que se reflita qual o lugar historicamente ocupado pela formação humana. O ideal científico que constituiu o sujeito moderno desde Descartes ou até mesmo a concepção de uma "imagem de pensamento" distanciada dos afetos e da vida traz, enquanto legado, uma formação "psicofísica". De um lado o conhecimento - na maioria das vezes - não um conhecer enquanto ato de invenção; mas sim, a necessidade da manutenção de uma cultura, desprovida dos impulsos, desejos e temporalidades e de outro um corpo carregado de desejos, de inquietações, sendo adestrado, inserido em um corpus social, desprovido de seu ritmo. Roland Barthes em *Como viver junto*, analisa as diferentes comunidades monásticas do início da civilização cristã, mais especificamente o Monte Atos⁴⁰, acentuando a sua fantasia da *idiorritmia*⁴¹, sujeitos heterogêneos convivendo harmonicamente em seus diferentes ritmos e experiências.

⁴⁰ Montanha da Grécia onde, desde o final do século VII, instalaram-se eremitas e, nos séculos seguintes, dezenas de conventos. A montanha Santa suscitou um gênero de vida particular, chamado de idiorritmia.

⁴¹ Segundo Barthes: "Vejo uma mãe segurando o filho pequeno pela mão e empurrando o carrinho vazio à sua frente. Ela ia imperturbavelmente em seu passo, o garoto era puxado, sacudido, obrigado a correr o tempo todo, como um animal ou uma vítima chicoteada. Ela vai em seu ritmo, sem saber que o ritmo do garoto é outro. E no entanto, é a sua mãe!→O poder - a sutileza do poder - passa pela disritmia, a heterorritmia". BARTHES, Roland. *Como viver junto*. Simulações romanescas de alguns



Pode-se pensar que até Nietzsche a vida não era colocada enquanto um valor na tradição filosófica, a valoração da existência enquanto processo de transfiguração aparece na obra do filósofo alemão desde O Nascimento da Tragédia, depois se estende em Aurora, Humano Demasiado Humano, A Gaia Ciência e retumba nas Considerações Extemporâneas. A Transfiguração (Verklärung) como um ato de invenção, dar outros sentidos interpretativos as vivências que ocorrem próximo a compreensão deleuziana de acontecimento. Se a interpretação deleuziana de acontecimento se aproxima da aceitação estoica de que os acontecimentos se dão como devem se dar, através do prisma da ataraxia e que aos seres humanos cabe aceitá-los e viver da melhor maneira possível. Por outro lado, a transfiguração seria o gesto primordial de transformar o acontecimento em uma estética da existência. Para tanto, se faz essencial uma cultura que gere pensamento, que sustente uma vida despida do ideal ascético, mas que mesmo assim permita a construção de uma coletividade potencializadora das forças vitais.

Nossa hipótese é que o conceito de transfiguração se mostra como a via mais adequada para uma experiência de genuína criação com a vida. Seja transfiguração como "contra-efetuação" ou "máscara", respectivamente como o "ator comediante dos próprios acontecimentos" (Deleuze 2003 153) ou "poetas de nossas vidas" (Nietzsche GC §299 KSA 1980 538), tanto em Deleuze quanto em Nietzsche a transfiguração é a via pela qual o homem foge das codificações, cria a si próprio, podendo então se falar de mais uma forma de dimensão estética da vida.⁴²

A partir dessa dimensão estética, desse criar que expõe Viesenteiner, como pensar essa relação no diálogo

espaços cotidianos: cursos e seminários do Collège de France, 1976-1977. - São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 19.

⁴² VIESENTEINER, Jorge Luiz.- Nietzsche e Deleuze: sobre a arte de transfigurar. In: Discusiones Filosóficas. Año 12 N° 18, enero - junio, 2011. p. 189.



entre a educação básica e o ensino superior? Quais são os limites formativos que impedem a construção de uma *formação menor*, nos termos expostos por Sílvio Gallo em sua *Educação Menor*⁴³? Se uma é continuação da outra, quais são os elementos transfigurativos que permitem criar na existência, transpor a "estética formal" por uma "estética da existência". Um caminho que permita pensar qual é a vida de que se fala e suas diferentes formas. Segundo Nietzsche, a vida conceitual é um empobrecimento da própria vida que se apresenta caótica, o pensamento como estratégia de organizar o caos, permite buscar o que seria uma *educação sentimental* ou dos *impulsos* na busca do próprio sentido de se estar vivo. Aproximar essa vivacidade do processo formativo; exige refletir quais as estratégias que permitem "compor" transfigurações no gesto educativo. Sendo o ato de transfigurar um elemento de transformação da própria forma. No entanto, o contorno neste caso, se aproxima dos modelos historicamente instituídos neste processo.

Os discursos epistemológicos da cultura de "especialista" no âmbito da formação de ensino superior, mais especificamente na formação de professores, acabam se distanciando do contexto da educação básica. É como se a escolha moderna racionalista, segundo Deleuze de ao invés de se operar por uma Paidéia constituída em seu todo está fosse substituída por um tipo de método. Aquele mesmo que coloca um distanciamento entre a prática e a teoria, de um lado a construção epistêmica e de outro os artífices

⁴³ Sílvio Gallo em seu artigo: *Em torno de uma Educação Menor*, se apropria do conceito de Literatura Menor elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde os mesmos ao analisar a obra kafkiana, a colocam como menor no sentido de explorar a sua diferença em relação a literatura canônica da modernidade. Gallo se apropria do conceito elaborado pela dupla francesa, para pensar uma educação menor, no sentido de superação e diferença, comparada a Educação dita maior, isto é, aquela pensada e historicamente instituída pelo Estado e as instituições modernas.



executando um ofício, que há muito perdeu sua “nobreza”. Parece necessário que os poetas retornem a República de Platão para que se possa destituir o ideal formativo da verdade.

Aprender a força ético-estética

O ético-estético em Nietzsche ressoa a partir de um prisma ético que insere a vida enquanto valor, a vida possui valor e o estético enquanto transfigurativo, pressupõe inventar possibilidades de existência. A perspectiva nietzschiana insere o estético na vida, isto é, uma estética da existência que pressupõe estratégias de pensamento que levem as fissuras mais profundas de si mesmo, pode-se transferir para uma formação que interroge seu tempo e reforme a vida conforme a necessidade:

Um filósofo que tenha percorrido o caminho por muitas saúdes e o percorre ainda, atravessou por igualmente numerosas filosofias: ele não *pode* mesmo senão a cada vez converter sua condição na mais espiritualizada forma e distância – essa arte da transfiguração é a filosofia mesma”⁴⁴

Esse *pathos* da distância, assim como o par saúde/doença é essencial para a compreensão do entendimento que se possa ter dos discursos que compõe a tradição moderna e a interpretação da mesma. Ao colocar o conhecimento em um vir-a-ser, o ser humano desde tempos remotos busca a forma, como uma estratégia de luta contra a imitação, a mimeses dos exemplos. O processo formativo se constituiu até então da reprodução de um modelo que fosse viável ao contingente da universalização, geralmente com o intuito de “humanizar”, de inserir socialmente, de manter valores, produzir *eticidade* como ressalta Hegel na Fenomenologia do Espírito em 1807 ao decantar os passos de inserção de um sujeito na sociedade (família, escola,

⁴⁴ NIETZSCHE, Friedrich. Prefácio da segunda edição de A Gaia Ciência (1886). In: Obras incompletas. – São Paulo: Nova cultural, 1987. p. 146.



sociedade). Mas será que esse ideal formativo, que segundo a perspectiva nietzschiana em sua crítica aos estabelecimentos de ensino superior alemão, que pouco se comunica com a formação das crianças e jovens em seu processo de iniciação à cultura, ainda é viável?

Como dizer que o processo formativo está em constante experimentação, se a cultura a que estamos submetidos tenta exatamente se colocar no oposto? É de suma importância pensar na integralidade dessa formação, como acentua Rosa Dias em seu artigo: *Nietzsche educador da humanidade*:

O ser humano é um hábil experimentador de si mesmo; seu espírito está em constante metamorfose. O filósofo deve ser o instrumento ativo dessa metamorfose, dessa arte da transfiguração, e isso só é possível incentivando continuamente a experimentação, os ensaios, as tentativas de renovação. A experimentação aqui não quer nada provar, nada verificar; logo não pode ser entendida numa acepção científica. Trata-se, sim, a cada instante, de tentar tudo por tudo, qualquer que seja o resultado. Nietzsche concebe a vida como um risco em que se pode ganhar ou perder tudo – isso porque tudo é novo, inédito e perigoso”⁴⁵

Articular uma formação que leve a construção inventiva faz com que se adentre o solo dos valores intocáveis da formação humana, é como se fosse preciso descobrir reiteradamente o que significa formar. Para Nietzsche a marca distintiva entre o filósofo-artista e o cientista é a paixão pelo conhecimento, paixão pelo pensar. Será que se desperta essa paixão diante de tantas fragmentações? Na hierarquia constituída pelo sistema brasileiro de formação, é possível geralmente encontrar pedagogos alfabetizando as séries iniciais e aqui já se incide uma inferiorização, desde a imagem constituída desse docente até seu salário.

Como se formar crianças fosse um ofício inferior, até a diferença entre a formação de especialistas em

⁴⁵ DIAS, Rosa. Nietzsche educador da humanidade revista Impulso. In: Revista Lampejo, Fortaleza. Nº 2 - out./2012. p. 11.



determinada área de conhecimento para a formação dos adolescentes e a confusa continuidade do ensino médio que reverbera na cultura de epistemólogos no ensino superior. Como despertar um vivenciar inventivo através do conhecimento com esse legado positivista?

Difícil aceitar a possibilidade do fracasso como elemento pedagógico dentro de uma cultura formativa que possui enquanto ideal o êxito. Refletir o processo de transfiguração como um elemento de formação interna, pressupõe considerar o indivíduo em todo o seu potencial de experimentação, destituindo uma formação gregária que coloca esta, a partir, de uma perspectiva homogênea. E pensar com Nietzsche é colocá-la a partir de uma lente trágica, lançando o jogo de dados da existência. Trazendo o elemento dionisíaco para o campo da cultura moderna.

Acredito que o caminho que se percorre na busca humana pela forma é constante, em devir e que de alguma maneira leva a um ideal; pode-se questionar qual seria o ideal que se deseja percorrer? O pensamento moderno lega uma tradição a ser descascada. O que não impossibilita a riqueza e a conservação dos saberes construídos ao longo do tempo, isto é, se a compreensão e o diálogo desses conhecimentos venham acompanhados do que Deleuze define de uma *Nova Imagem de Pensamento*.

Essa imagem não rompe com a antiga e, neste caso, a diferença se apresenta como dialogar com as imagens da tradição de pensamento sem dogmatizá-las? Sem despi-las de seu sentido e valor? Talvez, tenhamos que pensar uma formação mais ao estilo da Paidéia grega e cultivarmos os olhos e ouvidos atentos, mas, - quando necessário saber que é preciso amarrar-se ao mastro do navio - enfrentando a voz que narra os grandes feitos históricos, mesmo sentindo o medo de não sabermos a outra parte do meio do caminho.



REVISTA APOTHEKE

v.6, n.1, ano 3, julho de 2017

ISSN 2447-1267

Referências Bibliográficas:

- BARTHES, Roland. Como viver junto. Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários do Collège de France, 1976-1977. - São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BECKETT, Samuel. PROUST. - São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 2003.
- CAMPOS, Augusto. Invenção de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti. In: Cantos de Dante & canções de Cavalcanti. - São Paulo: Arx, 2003.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. - Porto: Rés-Editora.
- DIAS, Rosa. Nietzsche educador da humanidade revista Impulso. In: Revista Lampejo, Fortaleza. N° 2 - out./2012.
- FOUCAULT, Michel. Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves.
- Haar, Michel. Vida e totalidade natural. In: cadernos Nietzsche 5, p. 13-37. - São Paulo: GEN, 1998
- HOMERO. ODISSÉIA. In: Canto 12. - São Paulo: Cosac Naify, 2014
- NIETZSCHE, Friedrich. Prefácio da segunda edição de A Gaia Ciência (1886). In: Obras incompletas. - São Paulo: Nova cultural, 1987.
- _____. Ecce Homo como alguém se torna o que é.- São Paulo: Cia das letras, 1995.
- _____. O Nascimento da Tragédia.- São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 14.
- ¹ _____. Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.- Petrópolis: Vozes, 2014. p.60-61.
- _____. Escritos sobre história. - São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.
- VIESENTEINER, Jorge Luiz.- Nietzsche e Deleuze: sobre a arte de transfigurar. In: Discusiones Filosóficas. Año 12 N° 18, enero - junio, 2011.

CAROLINA VOTTO

<http://lattes.cnpq.br/6311995499245221>

Mestre em Teoria e História da Arte (2011), pelo Centro de Artes, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Graduada em licenciatura no curso de Filosofia (2006), pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - RS. Possui experiência como docente e orientadora de pesquisa nas áreas de Estética, Filosofia da Arte e Educação. Também atua como professora de Filosofia e articuladora da área de Ciências Humanas do Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne - Florianópolis, SC.

